

## **EDUCAÇÃO E ESCRILEITURA: CORPO EM OBRA**

**CAVALHEIRO, Patrícia Goulart<sup>1</sup>; RODRIGUES, Carla Gonçalves<sup>2</sup>, MESQUITA, Gabriela Gonçalves de<sup>3</sup>; SCHULZ, Gilson Lemos<sup>4</sup>.**

<sup>1</sup> Aluna do Curso de Psicologia da UCPel. patygcava@gmail.com; <sup>2</sup> Professora do Departamento de Ensino da FaE – UFPel. cgrm@ufpel.tche.br; <sup>3</sup> Aluna do Curso de Música da UFPel. gabigoncalvesdemesquita@yahoo.com.br; <sup>4</sup> Aluno do Curso de História da UFPel. glschulz@hotmail.com.

### **1 INTRODUÇÃO**

O projeto de pesquisa denominado *Escrileituras: um modo de ler-escrever em meio à vida*<sup>1</sup>, objetiva produzir alternativas relacionadas à superação dos baixos índices educacionais da educação brasileira, capazes de elevar os números divulgados pelo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica - IDEB e, com isso, promovendo a mudança do cenário atual. É necessário, no entanto, o investimento e a oportunização de variadas linguagens e formas de pensar no que diz respeito à leitura e à escrita nas diferentes etapas da Educação Básica e Superior. Nesta perspectiva, o *escrileituras* propõe o pensamento do próprio caminho de sua investigação, através de percursos desconhecidos para traçar desvios e operar rupturas no já sabido e legitimado. Trata-se do texto, da escrita produtiva que ganha existência na medida em que o leitor é um produtor-tradutor de sensações, de sentidos, de conceitos (CORAZZA, 2011), fazendo do que lê sua escrita e do que escreve, sua leitura

A fim de encontrar possibilidades e modos de potencializar leitores-escretores, o Núcleo UFPel<sup>2</sup> propôs o ateliê *A pesquisa enquanto corpografia: Palimpsestos, Arquitetônicas*<sup>3</sup>. Seu objetivo era fazer com que os participantes escrevessem por meio daquilo que movimenta e toca seu corpo, distante de algo abstrato, sem sentido, pouco motivador da leitura e da escrita. Porque para se obter um bom nível de desenvolvimento da linguagem, faz-se necessário ativar a sensibilidade e o cognitivo, pois ambos modificam-se de acordo com o contexto e as vivências subjetivas daquele que escreve. Dessa maneira, a Educação pode ser percebida como a experimentação de um corpo em obra – uma anatomia palimpsestica – incessantemente reescrito, com rasuras em meio às caídas do pensamento: arte, ciência e filosofia, por vezes aqui aproximadas e até mesmo entrelaçadas.

Escrever um corpo é inscrever-se em seus afectos. Para tal, a leitura e a escrita não podem ser impostas e prontas, mas devem acontecer no contato com a corporaneidade por intermédio do encontro afectivo, capaz de seduzir e atrair o corpo. Este é pensado como um palimpsesto, significando rasgar a escrita, apagar e reescrever, uma inscrição sobre outra, precedente e interferente na outra. Um corpo

<sup>1</sup> Edital 038/2010, CAPES/INEP, vinculado ao Observatório da Educação. A pesquisa é coordenada pela Prof<sup>a</sup> Sandra M. Corazza, tendo como instituição sede a UFRGS. Este Projeto também desenvolve pesquisa em mais três núcleos de diferentes universidades do país - UFPel, UNIOESTE e UFMT - por meio de Oficinas de *Escrileituras* na Educação Básica e no Ensino Superior (CORAZZA, 2011a).

<sup>2</sup> O Núcleo atualmente está composto por alunos de graduação dos cursos de Música, História, Informática, Biologia e Psicologia. Também por discentes de Mestrado Profissional em Ensino de Ciências e Matemática, bem como Mestrado em Educação.

<sup>3</sup> Ateliê ministrado pelo professor Cristiano Bedin da Costa, psicólogo pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); Mestre e Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Docente no curso de Pedagogia do Centro Universitário UNIVATES.

vive e inscreve muitos encontros e experiências. Marcas, vivências, escritas anteriores se mesclam às novas escritas e devires. Afirma-se, então: Um corpo arquitetônico é dito como aquele que compõe um corpo em obra.

E o que pode ou não inscrever-se em um corpo, no curso de um texto? Ora, tratando-se de um corpo transitório, um corpo intenso de seus movimentos e condições de existência, um corpo contemporâneo que se inscreve a pancadas, aos solavancos, por estilhaços de linguagem, aquilo que seduz o corpo é também o que concorre em sua composição, inscrevendo-se de diversas formas.

Assim, a escritura acontece como um fio condutor do corpo, possível de direcionar a leitura e a escrita para aquilo que estimula a vida, o pensamento e a criatividade, desnudando o “eu” escritor. A escrita não trata de, com isso, apenas seguir verdades científicas, mas sim aquilo que nos afeta de alguma maneira. Do contrário, como refere Foucault (2009), entra-se numa domesticação do corpo pelas normas, caminhos, relações de forças impostas à escrita pela cientificidade, castrando, muitas vezes, a sensibilidade e a possibilidade de um devir escritor. Para tanto, é preciso escrever não a partir do que se entende, mas do que afeta e movimenta o pensamento. Um texto não precisa ser compreendido, mas dar-se a compreender. Escrever um texto é tecer o “véu epidérmico de entrelaçamento contínuo, no qual o escritor se desfaz ao mesmo tempo em que se constitui em sua teia, o seu território, a sua própria corporaneidade inscrita” (COSTA, 2012, p. 28).

## 2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Organizado pelo Núcleo de pesquisa da UFPel e realizado durante o ano de 2012, na Faculdade de Educação, o ateliê *A pesquisa enquanto corpografia: Palimpsestos, Arquitetônicas* foi oferecido durante os turnos da manhã e tarde, totalizando carga horária de oito horas. Oriundos de várias áreas do conhecimento, os participantes formaram um grupo heterogêneo, com uma imensa riqueza de saberes. O método utilizado para a produção e análise de dados foi do tipo qualitativo, com abordagem cartográfica, cuja relevância é o próprio processo investigativo, levando em consideração os registros escritos realizados pelos cartógrafos, incluindo o campo subjetivo dos sujeitos envolvidos. O método cartográfico é constituído por uma pesquisa-intervenção em que “conhecer o caminho da constituição de dado objeto equivale a caminhar com esse objeto, constituir esse próprio caminho, constituir-se no caminho” (PASSOS e BARROS, 2009, p. 30).

O ateliê teve como objetivo de pesquisa propor a criação de outros modos de pensar o vivido no campo das singularidades, oportunizando, através da escritura, a experimentação de variadas maneiras de expressão, incentivando a produção de diferentes linguagens, provocando modos de relação entre a escrita, a leitura e a vida. O desenvolvimento do ateliê baseou-se em aula expositiva dialogada e em exercícios de escritura a partir de fragmentos de textos de Barthes (2005; 2006) e da tese intitulada *O corpo em obras: palimpsestos, arquitetônicas* (COSTA, 2012). Além destes, conceitos como afectos, perceptos e biografemas foram introduzidos e, após ouvir e ver imagens dos textos, foi realizado um exercício prático a partir das anotações em uma folha – em branco – daquilo que tocou cada participante ao longo do ateliê. As escritas produzidas durante a explanação do tema foram passando no grupo, disposto em forma de círculo. Em um determinado momento, pediu-se que parassem de passar e cada um, a partir da anotação em suas mãos, criou, em outra folha, uma frase, desenho, pequeno texto sobre aquilo que lhe tocou,

expressando como sentiu e vivenciou a experiência de escrita. No último momento, foi realizada a leitura, pelos participantes, dos textos e fragmentos criados.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O projeto *escreleituras* é um disparador de cenários que pensa a Educação *com* e *na* vida, encontrando força no ato da criação textual. Nesse sentido, torna-se corpo e produz matéria de pesquisa na prática operatória de seus ateliês de *escreleituras*.

Com o desenvolvimento do ateliê, foi possível observar que, com os textos e as imagens encharcadas de fruição e sentidos, o pensamento é colocado a pensar, havendo o encontro com um “fora” que o força a pensar, reverberando o não dito, propondo enfrentar o perigoso plano de imanência sobre o qual os corpos dos participantes encontraram velocidades e variações infinitas (CORAZZA, 2011).

No ateliê, o objetivo era fazer com que os participantes escrevessem, convocando seus integrantes à postura da produção: produzir como autor do texto lido ao ponto de tornar a escrita uma necessidade de reinvenção do “eu” que escreve. Para o *escreleitor*, escrever é dar passagem à vibração dos sentidos e daquilo que é pensado, pelo mesmo, do modo de olhar e de experimentar o mundo, ou seja, “ter olhos na ponta dos dedos, para tocar a vida com a vida” (CORAZZA, 2011, p. 25). Contudo, como o corpo humano pode ser afetado de muitas maneiras pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, alguns participantes relataram que se sentiram mais potencializados e outros, nem tanto.

As *escreleituras* produzidas foram compartilhadas pelo grupo por meio da leitura e, logo após, ao pensarem sobre o que haviam criado, levava-se o texto a possíveis recriações, remetendo a escrita a um corpo em obra, incessantemente rasurado e reescrito em meio à Arte, à Literatura, à Filosofia. Tratava-se do tecido fragmentário de signos e escrituras múltiplas, da composição de um corpo transitório, pensável intermediando a linguagem, com as visões e audições que tornam possíveis seus interstícios e desvios.

Assim, não é possível falar do corpo-escrita como uma forma definitiva. Pode-se falar com ele, em seus percursos, nas suas relações, nos traçados de seus mapas: o corpo arquitetado em um meio, por incontáveis meios. O ato de escrever menos tem a ver com significar, mas cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir, uma vez que a questão da escrita é a de fazer um corpo passar por intensidades, liberar devires capazes de arrastar aqueles que a encontra, seja o escritor ou o leitor. Um dos participantes em seu exercício de *escreleitura* afetado se inscreve:

[...] Ler levantando a cabeça, sentir sem procurar sentido. Perceber o gesto. Ler-escrever, visitando paisagens, ocupando corpos, criando novos corpos. Intensidades. Perceptos. Lugares outros.

### 4 CONCLUSÃO

Na *escreleitura*, enquanto corpografia, escreve-se para dar vida, para “libertar a vida criativa, aí onde ela está aprisionada, para traçar linhas de fuga” (DELEUZE, 1998, p. 176). Pensando na realidade educacional, por vezes percebe-se alguma acumulação e reprodução do saber capaz de matar o que é vivo e o devir criativo. Neste sentido, o projeto de pesquisa *escreleituras*, em que um de seus objetivos é produzir leitores-escritores através da proposição de ateliês, convoca a ação do pensamento por meio de instrumentos e processos disparadores da criação textual,

na medida em que colocam um problema em cena: o que é lido, falado, enunciado pode ser transformado e escrito em suas variadas formas.

As experimentações textuais propostas neste projeto não buscam a comprovação de qualquer evidência, mas sim trazer a vida como obra de arte: com um desordenamento necessário à criação, seja ele um texto, uma imagem, um pensamento. Trata-se de por em experimentação o que não se conhece e, numa estrangeiridade, fazer falar e escrever outra língua, nômade, escapista (fora da norma estruturada, mas de acordo com os desejos e necessidades subjetivas daquele que se inscreve), inventora de outros conectores, na liberação de forças mais criativas.

Por ser corpografia, o projeto de pesquisa escrita constitui-se como a articulação dessa existência rapsódica, de um corpo intenso, percorrido apenas por limiares, organizações indeterminadas de ampométrias imperfeitas, cambiáveis, que pelo corpo busca um estudo sobre a aventura do pensamento para encontrar um modo de abordar o corpo que se inscreve, alguém das formas constituídas, um corpo de afectos, de um corpo escrito que vive num constante vir a ser criativo, podendo o corpo, em suas constantes pulsações e dilatações intensivas, ser um programa para então criá-lo, operando-o em seus limites (COSTA, 2012).

No ateliê, corpos palimpsestos e arquitetônicos foram sendo pensados, repensados, escrevendo e se reinscrevendo em meio a perceptos e afectos, na inscrição de um escritor-vida, atravessados pela multiplicidade contemporânea. Como diz Corazza (2011, p.10) “a Educação se faz e se sente com todo o corpo”, ou seja, um corpo que escreve e é inscrito em meio à vida.

## 5 REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **A preparação do Romance vol. II**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

\_\_\_\_\_. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

DELEUZE, Gilles. Conversações: Sobre a Filosofia. Entrevista a Raymond Bellour e François Edwald. **Magazine Littéraire**, n. 257, setembro de 1998.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Plátos1**. Rio de Janeiro: 34, 1995.

CORAZZA, Sandra Mara. Ca.Obe#1 - Caderno de Notas | Programa Observatório da Educação - **Oficinas de Transcrição (OsT)**. 1. ed. Porto Alegre: OBEDUC - BOP, 2011.

COSTA, Cristiano Bedin da. **Corpo em obra: Palimpsestos, Arquitetônicas**. 2012. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina. A Cartografia como Método de Pesquisa intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia e ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do Método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009. Capítulo 1, p. 17 – 31.